



Linguagem e poder na ficção: uma análise crítica do discurso da obra *1984*, de George Orwell

Renata Kelli Modesto Fernandes

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Flaviane Faria Carvalho

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL

Resumo

Este trabalho buscou analisar o discurso totalitário presente na obra *1984*, de George Orwell, a partir da configuração do discurso de poder e controle usado pelo Estado, bem como das reflexões feitas pelos personagens principais, Winston e Julia, como forma de resistência a esse sistema de governo. A análise foi orientada pela concepção de discurso proposta por Fairclough (2001; 2003) e Halliday (1970; 1985), assim como pela teoria crítica da ideologia cunhada por Thompson (1995). A análise nos permitiu identificar o modo como as vozes do discurso de ódio ecoam das personagens e compõem o ambiente ficcional distópico. Vimos, por um lado, determinadas estruturas linguísticas (verbos, substantivos, advérbio, por exemplo) servindo ao interesse da dominação e controle do sistema político daquela sociedade ficcional. Para além disso, foi possível desvelar a articulação ideológica presente em alguns personagens como O Grande Irmão e O'Brien por meio da identificação dos modos de operação da ideologia. Por outro lado, estão presentes estruturas características do ideal libertário (negação, verbos ligados ao sentimento, por exemplo). Em suma, razão e sentimento compõem o embate ideológico desta obra.

Palavras-chave: Distopia; Poder; ACD; Ideologia.

Submetido em: 17/12/2020

Aceito em: 27/02/2021

Publicado em: 01/03/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG
CEP 317131-001 - Brasil

Renata Kelli Modesto Fernandes



Possui licenciatura em Letras- Habilitação em Língua Portuguesa, Inglesa e Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2001) e pós-graduação em Linguística, Língua e Discurso pela UNEMAT (2006). É mestre em Linguística Aplicada -Estudos Ingleses e Americanos - pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal). Atualmente, é doutoranda no programa de Estudos Literários da UNEMAT - MT. Faz parte do quadro efetivo de professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em língua inglesa. Realiza atividades regulares de ensino de Inglês Instrumental, Língua Inglesa e Língua Portuguesa no IFMT/Campus Rondonópolis.



<http://lattes.cnpq.br/9382495023622768>



<https://orcid.org/0000-0003-3485-0591>



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG
CEP 317131-001 - Brasil

Flaviane Faria Carvalho



É graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (2006), mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007), e doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Lisboa (2012). Tem experiência nas áreas de Linguística Aplicada e Comunicação Social, atuando principalmente nos seguintes temas: semiótica social, multimodalidade, análise crítica do discurso, multiletramentos, gêneros textuais, escrita acadêmica, roteiro e produção de documentário, editoração e assessoria de comunicação. É Presidente do Conselho Editorial da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alfenas e investigadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NeLIS/UnB). Foi Analista de Treinamento do Grupo UOL Educação, Professora do SENAC-MG e do Curso de Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas. Atualmente é Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas.



<http://lattes.cnpq.br/9640248340989530>



<https://orcid.org/0000-0002-0663-670X>

Grupos de
pesquisa

<http://nelis.unb.br/> e <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/36608>



LINGUAGEM E PODER NA FICÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DA OBRA *1984*, DE GEORGE ORWELL

Renata Kelli Modesto Fernandes – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT¹

Flaviane Faria Carvalho – Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG²

Introdução

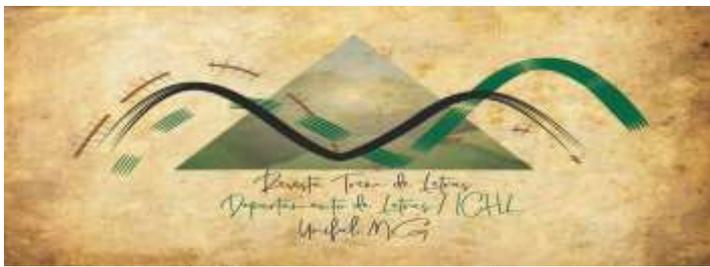
Discurso de ódio e medo, cerceamento à liberdade, alienação, ausência de individualidade, inibição dos sentimentos e linguagem restrita são termos que configuram o discurso que compõem a obra *1984*, de George Orwell. Esta obra distópica, publicada em 1949, figura o cenário de uma sociedade totalitária cuja atmosfera de produção esteve ambientada em grandes guerras, tais como a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, Guerra Civil Espanhola.

O engajamento social e político de Orwell forneceu-lhe subsídios para produzir, através de uma configuração literária transformadora, a representação de uma sociedade dominada pelo poder do Estado. Sua familiaridade com textos jornalísticos refletiu em sua escrita literária caracterizando os textos com uma linguagem concisa, simples e direta, como pode ser visto em *A Clergyman's Daughter*, *A Revolução dos Bichos*, *1984*, por exemplo.

À medida que conhecemos o ambiente ficcional de *1984*, percebemos que a força opressora do Estado apropria-se do discurso do medo e constrói uma sociedade impotente diante deste poder implacável. A potencialização deste problema na narrativa

¹ renatamodesto80@gmail.com

² flaviane.carvalho@unifal-mg.edu.br



em questão fica a cargo das personagens principais Winston e Julia que, ao articularem seus discursos com suas amargas reflexões, conduzem os leitores a uma visão negativa e pessimista do futuro.

O pessimismo, dinâmico e ativo, é característica imanente do gênero em questão: a distopia. Raffaella Baccolini e Moylan (2003, p. 115) definem o gênero assinalando que “distopia, portanto, geralmente se localiza em um futuro deformado do nosso próprio mundo”.³ Estas representam mundos ficcionais, dilacerados e problemáticos, que incorporam as narrativas uma sensação de fim, de desesperança e caos. A partir da confluência entre os elementos sociais e políticos com os demais temas (ciência e tecnologia, religião, sexualidade, linguagem e história) e, ainda, a figuração de uma sociedade totalitária ou de um mundo caótico, torna-se possível a compreensão das fronteiras do romance distópico.

Para tal, a composição estrutural da narrativa manifesta-se pela via de uso social e antissocial da linguagem, conforme afirmam Moylan; Cavalcanti; Benício (2016, p. 81): “Através da história da ficção distópica, o conflito do texto tem sido frequentemente ligado ao controle da linguagem.” seja por meio da criação da Novilíngua,⁴ como acontece em *1984*, ou pela criação de um regulamento denominado *Great Unborn*, em *What not: a*

³ Dystopia, therefore, is usually located in a negatively deformed future of our own world.

⁴ Língua criada no romance *1984* com objetivo de reduzir as palavras. Acreditava-se que diminuindo os termos, seria possível limitar o pensamento das pessoas, ou seja, não haveria opositores ao pensamento do partido. O processo de criação da *Novilíngua* consistia na eliminação progressiva do léxico da língua vigente. Na ficção, o 11º dicionário estava sendo editado e, a cada edição, ele ficava mais curto em razão da destruição lexical. No campo morfológico, por exemplo, as palavras estavam divididas em três categorias: A (palavras do cotidiano); B (palavras usadas para fins políticos) e C (termos técnicos e científicos). Esta estratégia fazia com que os significados fossem reduzidos ao mínimo possível.



prophetic comedy,⁵ de Rose Macaulay, ou ainda a língua matemática empregada em *Nós*, de Zamyatin,⁶ dentre outras distopias.

A manutenção da ordem e do controle, conforme os autores acima ilustram em seus romances, é promovida pela coerção e consenso. Todavia, “o poder discursivo, exercitado na reprodução de significado e na interpelação de sujeitos, é uma força paralela e necessária” (Moylan; Cavalcanti; Benício, 2016, p. 82).

Neste sentido, a linguagem desenvolve funções primordiais em *1984*: inviabiliza que variadas formas de pensamento se manifestem; cria um instrumento particular para simbolizar uma verdade; fornece meio de expressão compatível à visão do líder do Estado, garantindo, assim, sua hegemonia.

Diante das características acima expostas de um gênero literário que revela facetas de poder e controle do Estado para com a sociedade, levantamos a seguinte questão: Como a linguagem é configurada para manter ou desafiar as relações de poder presentes na obra distópica *1984*?

2. Relações de poder incorporadas na ficção

Ao criar uma sociedade regida pelo Grande Irmão, líder do partido *Ingsoc*⁷, Orwell revela os atributos de um regime político autoritário e controlador: o Totalitarismo⁸.

⁵ *Great Unborn* é uma seção pertencente ao Ministério da Mente cuja função é regular os nascimentos dos indivíduos. A cada nascimento era atribuída uma classificação do nível de inteligência e este nivelamento determinava o parceiro (a) com quem a pessoa poderia se relacionar. O objetivo era controlar os relacionamentos de modo que houvesse uma sociedade equilibrada intelectualmente. As pessoas que descumpriam o regulamento eram penalizadas com multas severas.

⁶ As personagens em *Nós* são nomeadas com letras e números, por exemplo. Esta característica promove o apagamento das identidades, um dos objetivos do Estado Único.

⁷ Termo usado para Socialismo Inglês, em *Novílingua*.

⁸ Regime de governo do século XX que detinha o controle absoluto sobre uma nação, na esfera pública ou privada. O poder estava centralizado no próprio Estado, a exemplo do Nazismo (com Hitler), o Fascismo (com Mussolini) e Stalinismo (com Stalin).



Presenciamos, em 1984, tanto personagens oriundas do diagrama do poder vigente (O'Brien, por exemplo) como aquelas desprovidas de sentido e consciência (Parsons, por exemplo).

Na articulação narrativa feita por Orwell é possível perceber os elementos sociais incorporados em toda a estrutura da obra. A este processo o crítico literário Antonio Candido (2006, p. 16) deu o nome de 'redução estrutural'. Nas palavras de Candido, redução estrutural é "o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo" (Candido, 2015, p. 9). Todavia, segundo o referido autor, para percebermos efetivamente a ação deste procedimento agindo na obra literária, é necessário penetrar nas camadas mais fundas da análise, identificando como o traço social constatado é visto funcionando para formar a estrutura do livro.

Com base nas afirmações do autor acima, é possível constatar, na composição de 1984, uma narrativa que descreve uma estrutura burocrática que sustenta o regime totalitário e usa mecanismos de articulação para a manutenção do controle e do poder. Vemos as personagens atuando como vigilantes e mantenedoras do sistema, incapazes de pensar ou agir contra ele. Um exemplo bastante elucidativo é o da filha do Tom Parsons que denunciou o próprio pai pelo chamado "pensamento-crime". Enquanto dormia, Parsons pronunciou: "Abaixo o Grande Irmão!" (Orwell, 2018, p. 275). A filha, que ouvia o pai pelo buraco da fechadura, denunciou-o para a patrulha. Essa atitude causaria indignação em qualquer cidadão com a mínima consciência da repressão sofrida pelo Estado. No entanto, Parsons disse se orgulhar da filha por ter empregado, no momento certo, a educação recebida em casa.

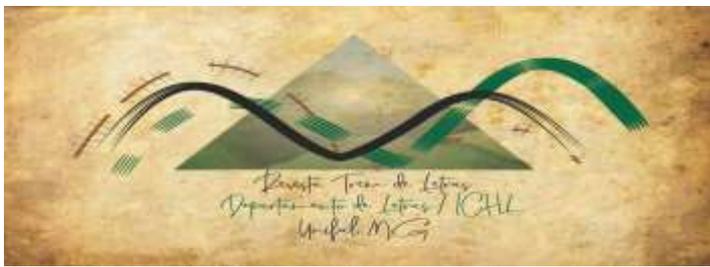


Neste exemplo, vemos o poder agindo em rede, com indivíduos funcionando como receptores e emissores desta prática incorporada, exatamente como definiu Michel Foucault ao longo de seu vasto estudo sobre a microfísica do poder:

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação (Foucault, 2011, p. XIV).

Outra característica relevante na composição da narrativa é o fato de o narrador falar sob a perspectiva do protagonista. Desse modo, ele vai conduzindo o leitor, gradativamente, ao mesmo desejo de Winston: ao da revolução. Esse efeito só é possível quando buscamos no mundo empírico a relação com o meio social. No entanto, ao longo da obra, presenciamos instantes de estranhamento, quando entram em cena elementos fantásticos característicos do gênero distopia. Nesse momento, a realidade é suspensa e o leitor é levado ora a remeter-se a aspectos do universo experimental como forma de completar a sua própria leitura, ora a sentir-se livre para encontrar as suas próprias respostas no texto. As passagens abaixo são bastante representativas deste imaginário fantástico:

Estava um pouco adiantado. Não encontrara dificuldades em relação à viagem, e a experiência com que a garota lidava com as coisas era tão evidente que ele não sentia tanto medo quanto normalmente sentiria. Ao que tudo indicava, podia confiar nela para encontrar um lugar seguro. Em geral, não se podia supor que a pessoa estivesse muito mais segura no campo do que em Londres. Não havia teletelas, claro, mas sempre se corria o risco de que o lugar fosse vigiado por microfones escondidos, que haveriam de captar e identificar a voz de quem aparecesse por ali; além disso, não era fácil viajar sozinho sem atrair atenção. Para distâncias inferiores a cem quilômetros, **não era necessário visto no passaporte**, porém às vezes havia patrulhas nas estações ferroviárias e os guardas pediam os documentos de qualquer membro do partido que encontrassem pela frente, submetendo-os a perguntas inconvenientes (Orwell, 2018, p. 143-144, grifo nosso).



[...] “Eu não queria falar no caminho”, continuou ela, “porque **podia haver algum microfone escondido**. Há sempre o risco de um daqueles patrulhas reconhecerem a voz da gente. Aqui é seguro.” (p. 145)

“É, sim. Veja as árvores.” Eram pequenos freixos que haviam sido cortados e que depois tinham brotado de novo, formando uma **floresta de postes, nenhum deles mais grosso que o pulso de uma pessoa**. (p. 145-146)

Foi até o outro lado da sala. **Havia um buraco da memória na parede oposta**. O’Brien levantou a grade. Sem que ninguém a visse, **a frágil tira de papel agora rodopiava na corrente de ar quente; desaparecia numa língua de fogo**. (p. 290)

O narrador, progressivamente, vai descrevendo as atitudes subversivas de Winston. Ele começou com a compra de um diário, projeto audacioso que, certamente, lhe custaria a vida caso fosse descoberto, pois uma das políticas do governo estava centrada no apagamento da memória dos indivíduos. Em seguida, o protagonista conheceu Julia que, demonstrando interesse amoroso, se aproximou dele. A partir deste ponto, o comportamento subversivo de Winston fica mais evidente e os questionamentos a respeito da estrutura controladora do Estado tornam-se bastante recorrentes.

Além das práticas de poder mencionadas acima, vemos outros procedimentos agindo como forma de controle e dominação, como é o caso do discurso. Ele é um instrumento de poder que busca produzir um efeito, demanda estratégias e possui um lugar de produção. Nesse sentido, o poder é operacionalizado através do discurso.

Segundo Foucault (1999, p. 29), através do discurso, produzimos verdades como produzimos riquezas, por isso, o autor preocupou-se em buscar explicação da teia discursiva e das práticas que sustentam as verdades. O discurso não é imaterial, pois, é no âmbito da materialidade que ele se efetiva e produz efeitos. Seu lugar é o da relação, (Foucault, 2004, p. 57) uma vez que cria o verdadeiro e o falso, o justo e o injusto, o legal e o ilegal, o normal e o anormal. O discurso “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros [...] serve, em contrapartida, de certos



tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros". (Foucault, 2004, p. 43). Ao ver a produção do discurso como um acontecimento, Foucault ensina a desnaturalizar as verdades consagradas e fazer emergir os jogos de poder envolvidos naquilo que consideramos verdadeiro, justo, certo e normal.

Ao propor uma teoria de análise de discurso, Foucault trouxe perspectivas valiosas no que se refere à relação entre discurso e poder. Todavia, sua teoria não contempla uma análise linguística completa, ficando na esteira de uma análise abstrata das regras sociais e de uso da linguagem.

Buscando reforçar a análise social foucaultiana, Fairclough (2001, p. 89), propõe uma análise do discurso “orientada linguisticamente” ou seja, uma análise que busca verificar a forma como as estruturas sociais se engendram na linguagem/discurso, numa relação dialética, cuja produção discursiva surge a partir de uma prática social enraizada na sociedade. Nessa dimensão dinâmica, a linguagem tem o papel não só de reproduzir as práticas sociais, como também de transformá-las.

Na tentativa de compreender como a linguagem é usada para manter ou desestabilizar as relações de poder impostas pelo regime totalitário na obra *1984*, propomos um estudo orientado pela Análise Crítica do Discurso (ACD) e, a partir das análises, traçar a configuração da linguagem desse regime na composição do gênero distópico.

3. Perspectiva analítica da Análise Crítica do Discurso

A ACD é uma metodologia para descrição, interpretação e explicação das práticas de poder que se manifestam linguisticamente na sociedade contemporânea (Fairclough,

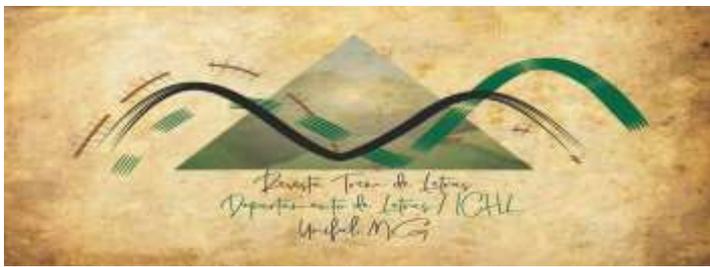


2003), bem como um recurso de intervenção científico-social no combate às desigualdades de diversas ordens que funcionam discursivamente.

Ao adotar o termo discurso, Fairclough (2001, p. 90-91) propõe considerar o uso de linguagem como forma de prática social, política e ideológica. O que implica dizer que (i) “o discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros”; (ii) “implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social”; (iii) “o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis.” Nesse sentido, o discurso, conforme Foucault já havia antecipado, é socialmente constitutivo.

No procedimento metodológico que Fairclough (2001, p. 100) implementa, ele apresenta uma análise tridimensional do discurso explicando que qualquer evento ou exemplo de discurso pode ser considerado, simultaneamente, um texto (análise linguística), um exemplo de prática discursiva (análise da produção e interpretação textual) e um exemplo de prática social (análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento comunicativo).

Em linhas gerais, uma análise voltada para o texto estará centrada nos elementos linguísticos, tais como: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Todavia, vale ressaltar que mesmo realizando uma análise descritiva devem-se considerar as outras dimensões, exigindo, assim, uma interpretação. A dimensão de análise como prática discursiva está baseada nos traços interpretativos do texto no que diz respeito à sua produção, distribuição e consumo, discutindo a coerência que os leitores podem atribuir a ele, bem como os propósitos comunicativos do produtor e os graus de intertextualidade e/ou interdiscursividade, ou seja, a presença de outros textos e discursos no texto analisado. Por fim, a dimensão de análise de um evento discursivo como prática social procura explicar como são investidos, no texto, aspectos sociais ligados a formações ideológicas e formas de hegemonia.



Para um estudo da dimensão textual de um evento discursivo, Fairclough defende a atividade de descrição desses elementos baseada nos preceitos da abordagem Sistêmico-Funcional desenvolvida por M.A.K. Halliday (1970; 1985). Nesta abordagem, a linguagem é entendida como um fenômeno multifuncional, usada para representar linguisticamente o mundo ou a realidade (metafunção ideacional), para as pessoas interagirem umas com as outras (metafunção interpessoal) e para produzir diversos tipos de textos (metafunção textual). A característica fundamental desta teoria centra-se no uso que os interlocutores fazem da língua em situações comunicativas contextualizadas, ou seja, na relação que ela estabelece com os elementos externos.

Em *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*, Halliday (1978) propõe a existência de uma relação dialética entre a linguagem e a sociedade, distanciando-se de teorias tradicionais da linguagem que concebem estes dois fenômenos de forma dicotômica. Essa relação dialética mostra que o sistema linguístico pode contribuir para o entendimento dos fenômenos sociais da mesma forma que os fenômenos sociais podem ser úteis para a compreensão da linguagem.

4. Eco de repressão e controle nas vozes de 1984

Iniciamos as análises do processo discursivo e textual em 1984 pela emblemática frase posicionada embaixo das *teletelas*⁹ de todas as casas dos moradores da Oceânia¹⁰: “O Grande Irmão está de olho em você.” (Orwell, 2018, p. 12). Toda a frase é uma metáfora

⁹ A teletela era uma placa de metal, semelhante a um espelho, que era fixada na parede da casa dos moradores da Oceânia. Através da teletela, o governo exibia suas propagandas, anunciava os recados e transmitia músicas de campanha. Ela tinha a função tanto de transmitir o som produzido pelo governo quanto de captar o áudio advindo das casas dos moradores.

¹⁰ Oceânia é o nome dado ao continente ficcional onde a narrativa acontece.



do processo de vigilância do qual essa sociedade ficcional é submetida. Eles são vigiados pelas *teletelas* em casa, por integrantes do Ministério das Ideias, membros fanáticos do partido e outros. O adjetivo **Grande**, empregado na frase, sugere a dimensão do poder do líder que, por sua vez, é nomeado como **Irmão**. O emprego deste termo faz com que estabeleçamos com ele um vínculo, diríamos que até fraternal e familiar, de confiança e respeito. Assim, as personagens agem, acatam as ordens do líder e ajudam a propagar as práticas de dominação.

Em toda a narrativa, não existe uma descrição física do grande irmão, nem relatos de alguém que já o tenha visto. A única imagem formada dele era a de dois olhos que os vigiava em todos os domínios de suas vidas, conforme relatado pelo narrador:

Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. Ali também, em letras minúsculas e precisas, estavam inscritos os mesmos slogans, e do outro lado da moeda via-se a cabeça do Grande Irmão. **Até na moeda** os olhos perseguiram a pessoa. Nas **moedas**, nos **selos**, nas **capas dos livros**, em **bandeiras**, em **cartazes** e nas **embalagens dos maços de cigarro** – em toda parte. Sempre aqueles olhos observando a pessoa e a voz a envolvê-la. **Dormindo** ou **acordada**, **trabalhando** ou **comendo**, **dentro** ou **fora de casa**, **no banho** ou **na cama** – não havia saída (Orwell, 2018, p. 38-39, grifo nosso).

Instrumentos, ações e lugares (conforme destacados em negrito no texto acima) são empregados na narrativa como estratégia linguística para reafirmar a dominação. Os termos são facilitadores do processo de leitura e interpretação que conduzem o leitor a inferir que se trata de um Estado totalitário.

Curiosamente, a obediência é introduzida a partir de algo que eles não veem e que já é consensualmente aceito - tal como se dá tradicionalmente nas relações familiares, assentadas no respeito à hierarquia existente. Por isso, a vigilância deixa de ser exercida apenas por terceiros e as pessoas passam a se autocontrolar. Na ficção, esta atitude tem o nome de “pensamento-crime”. Só de imaginar algo que contrariasse as políticas do governo, os cidadãos poderiam ser penalizados, conforme o relato do narrador: “O pensamento-crime não era uma coisa que se pudesse disfarçar para sempre. Você até



conseguia se esquivar durante algum tempo, às vezes durante anos, só que mais cedo ou mais tarde, com toda a certeza, eles o agarrariam” (Orwell, 2018, p. 29-30).

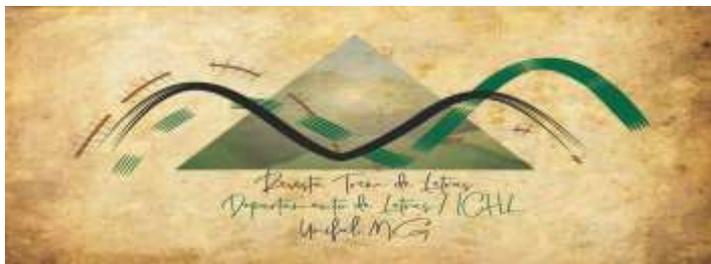
As personagens Winston e Julia encontram-se algumas vezes na cantina e trocam olhares enamorados que despertam, em ambos, desejos proibidos. Certa vez, ao cruzarem-se em um corredor do Ministério, Julia tropeça e cai. Ela aproveita o momento para colocar na mão de Winston um bilhete dizendo: “Amo você”. Esta atitude despertou nele todo seu instinto subversivo, o desejo de transgredir passa a atormentá-lo. Então, na semana seguinte ao primeiro contato, Winston sentou-se à mesma mesa de Julia durante a refeição e muito rapidamente começou a falar com ela. Marcaram um encontro rápido que culminou, posteriormente, num momento a sós em um esconderijo na floresta. Nos primeiros minutos do encontro, Julia questiona Winston sobre sua percepção a respeito dela. Winston responde:

Eu **sentia ódio** só de olhar para você. **Queria estuprá-la** e depois **matá-la**. Duas semanas atrás, **pensei** seriamente em **arrebentar** a sua cabeça com um paralelepípedo. Se quer mesmo saber, eu **achava** que você tinha alguma ligação com a Polícia das Ideias (Orwell, 2018, p. 147, grifo nosso).

A resposta de Winston: “**sentia ódio**” retrata o sentimento pulverizado por uma política de retórica opressiva e autoritária, que promove a fúria contra um inimigo imaginário como forma de manter a estabilidade do sistema: o Totalitarismo. As “múltiplas vozes” (Bakhtin, 2003) da narrativa se fundem aos acontecimentos históricos e políticos vivenciados pela humanidade.

Ao analisarmos a escolha dos verbos destacados na passagem acima, ratificamos a construção de uma estratégia argumentativa feita a partir do apelo às emoções: **sentir** e **querer**, evidenciando as experiências de afeto, raiva ou indiferença da personagem.

Contudo, ainda na mesma passagem, temos verbos ligados à representação de processos cognitivos, como **pensar** e **achar**. Estes, por sua vez, expressam uma representação de si mesmo como experienciador de suposição, crença ou pensamento.



Os verbos **estuprar**, **matar** e **arrebentar** sustentam o discurso de violência, também característico do sistema político mencionado acima. Essas e outras escolhas de verbos feitas por Orwell reforçam a caracterização de uma linguagem bélica atribuída ao romance.¹¹ Essas escolhas, segundo Fairclough (2001, p. 241-242) “não são apenas uma questão superficial de lexicalização [...] a militarização do discurso é também a militarização do pensamento e da prática social”.

Ao mesmo tempo em que encontramos as características oriundas do sistema repressor, constatamos ainda, nesta passagem, o rompimento com essas forças. O emprego dos verbos **sentia**, **queria**, **pensei** e **achava**, no passado, indicam a possível superação de um sentimento negativo e a passagem para um novo estado - o amor. Esse será usado como uma ferramenta de transgressão da ordem, como um ato político. Nessa perspectiva, vemos emergir, através do romance de Winston e Julia, um elemento utópico¹² que permite ao leitor sustentar uma esperança a favor da democracia.

Destacamos, nesta lógica utópica, uma passagem bastante representativa de um ideal libertário, cuja construção emprega alguns recursos e escolhas linguísticas que conduzem o leitor ao imaginário revolucionário. O emprego do recurso da nominalização (Fairclough, 2001), por exemplo, em “**a força**” é usado para omitir o agente, desse modo, por não ter um agente identificado, nós, leitores, nos sentimos parte desse grupo revolucionário. O mesmo recurso foi empregado em “**o Partido**” e, sem revelar os nomes dos integrantes, temos os atores representados e fortalecidos por uma entidade.

¹¹ Na narrativa é possível encontrar alguns exemplos de emprego desta linguagem bélica como: inimigo, traidores, confrontos, bomba, fuzilar, esraçalhar. Outro exemplo bastante significativo é o lema do partido Ingsoc: “Guerra é paz; Liberdade é escravidão; Ignorância é força” (Orwell, 2018, p. 27).

¹² Esta constatação é importante no sentido de reafirmar a característica do gênero distopia defendida pelo pesquisador Carlos Berriel que diz que: “É bem sabido que a distopia nasceu da utopia, e que ambas as expressões são estreitamente ligadas. Há em toda utopia um elemento distópico, expresso ou tácito, e vice-versa” (Berriel, 2005, p. 1).



Julia: Você gosta de fazer isso? Não me refiro apenas a estar comigo; falo da coisa em si.

Winston: Adoro.

Narrador: Acima de tudo, era o que Winston queria ouvir. **Não apenas** o amor de uma pessoa, **mas** o instinto animal, o desejo simples e indiferenciado: essa era a **força** capaz de **estrapalhar o Partido** (Orwell, 2018, p. 153, grifo nosso).

Dentro dessa ordem tão autoritária, o amor é uma ferramenta de transgressão, mas não suficiente. Assim, a narrativa cria uma tensão em torno do sentimento amor x ódio e, apesar de paradoxais, vimos esses sentimentos se coexistirem e perpassarem os discursos de Winston e Julia.

O controle absoluto é alimentado pelo sofrimento que, automaticamente, gera a obediência, segundo a personagem O'Brien. E complementa dizendo que:

[...] o sucesso do Partido está baseado no ódio. No nosso mundo as únicas emoções serão o medo, a ira, o triunfo e a autocomiseração. Tudo o mais será destruído – tudo: hábitos de pensamento; vínculo familiar e de amizade; instinto sexual; arte, literatura e ciência; prazeres e outros (Orwell, 2018, p. 312).

O ódio, para a psicanálise, é o operador afetivo primordial. A partir dele, é possível ter o amor como derivação. Assim, amor e ódio são definidos nas palavras de Jacques Lacan:

E bem, o ódio, é a mesma coisa. Existe uma dimensão imaginária do ódio, por isso a destruição do outro é um pólo da própria estrutura da relação intersubjetiva [...] Aí mesmo, a dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica, razão pela qual o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do adversário. Se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, ou seja, sua humilhação, sua derrota, seu desvio, seu delírio, sua negação detalhada, sua subversão. É nesse sentido que o ódio, como o amor, é uma carreira sem limite (Lacan, 1954, p. 315-316).

Na medida em que vimos crescer o amor entre as personagens, vimos os encontros tornarem-se mais frequentes. Winston alugou um quarto no andar de cima da loja do sr. Charrington para que pudessem se refugiar, mesmo que por alguns instantes.



Eles usavam o momento não só para saciarem seus desejos sexuais, mas, sobretudo, para discutir as políticas de repressão.

Num dos encontros no quarto alugado, Winston e Julia foram surpreendidos por ratos. “**Ratos!**” Murmurou Winston. “Neste quarto!” “**Estão em todos os lugares**”, disse Julia com indiferença, tornando a se deitar. [...] “**Um rato... O pior dos horrores** que há no mundo!” (Orwell, 2018, p. 173).

Esta passagem faz uso da metáfora dos ratos e, ao ser aplicada na obra, aproxima o leitor a uma realidade vivenciada pelo povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial. A Alemanha nazista, sob o domínio do líder Hitler, classificava os judeus como povos imundos, vermes e passaram a ser associados a ratos nas propagandas de caráter político. Assim como os judeus eram perseguidos pelos nazistas, o casal Winston e Julia também vivia a se esconder.

Num gesto de falsa amizade, O’Brien dá a Winston um livro intitulado: *Teoria e prática do coletivismo oligárquico*, de Emmanuel Goldstein, inimigo do Partido. Os capítulos são intitulados como: Capítulo 1: **Ignorância é força**; Capítulo 2: Não é mencionado; Capítulo 3: **Guerra é paz**.

Os títulos dos capítulos, bem como o lema do Partido: “**Guerra é Paz; Liberdade é Escravidão; Ignorância é Força**” (Orwell, 2018, p. 14) utilizam uma linguagem cujo objetivo é manipular a percepção dos indivíduos quanto à realidade. Neste caso, a estratégia empregada é a utilização de termos opostos: de algo negativo para positivo, causando a distorção da realidade e, conseqüentemente, reforçando o poder de quem exerce o controle absoluto. Estes discursos estão imbuídos de uma carga ideológica que pretende reproduzir e manter relações de dominação características do totalitarismo. Uma vez que a ideologia se torna um instrumento de consolidação do *status quo*, de manutenção de grupos hegemônicos, ela passa a se estabelecer dogmaticamente e cria



mecanismos para difusão de suas premissas tais como as práticas, símbolos, cultura, arte e discurso.

Sob a perspectiva do discurso, John Thompson (1995) desenvolve uma teoria crítica da ideologia relacionando-a com a linguagem, o poder e o contexto social. Nessa concepção crítica, o sentido é atribuído com base nas formas simbólicas, em estratégias e ideias que servem para criar, produzir, instituir e sustentar, manter e reproduzir sistematicamente desigualdades sociais, entendidas como relações de poder ou dominação. Em sua proposta, nenhuma forma simbólica é ideológica ou contestatória *per si*, mas depende de contextos sociais específicos. Conforme suas palavras,

estratégias particulares de construção simbólica ou tipos particulares de formas simbólicas não são ideológicas em si mesmas: se o sentido gerado pelas estratégias simbólicas ou difundido pelas formas simbólicas serve para estabelecer ou sustentar relações de dominação, é uma questão que deve ser respondida somente pelo exame dos contextos específicos dentro dos quais as formas simbólicas são produzidas e recebidas, somente através do exame dos mecanismos específicos através dos quais elas são transmitidas dos produtores para os receptores, e somente através do exame de sentido que essas formas simbólicas possuem para os sujeitos que as produzem e as recebem (Thompson, 1995, p. 89).

Thompson identifica cinco modos através dos quais a ideologia pode operar: **legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação**. O objetivo central dos “*modos de operações* gerais da ideologia” é identificar como as formas simbólicas podem estar relacionadas com a questão do poder.

Considerando esta orientação metodológica-analítica proposta por Thompson, destacamos, no lema do partido da obra analisada, a presença do modo de operação **dissimulação**. Nele, o conteúdo sofre modificações, podendo ser alterado ou ocultado. A **dissimulação**, neste trecho, é expressa através do **deslocamento**. O sentido de **Guerra, Liberdade e Ignorância** são modificados, perdem a conotação negativa e ganham conotação positiva, desse modo a relação de dominação é desviada e ocultada.



A contradição terminológica atribuída ao sistema político vigente nesta sociedade aparece também na organização contraditória dos ministérios do *Ingsoc*: O Ministério da Fartura é o responsável pelas questões econômicas, que é escassa e pobre em termos de variedade de mercadorias; o Ministério do Amor tem como objetivo manter a ordem e as leis; o Ministério da Paz controla as supostas guerras e o Ministério da Verdade é responsável pela manipulação das notícias, do entretenimento e da literatura. Essa manobra ideológica parece operar, inclusive, associada à lógica do duplipensar, concebido por Orwell (2018, p.220) como "o poder de manter duas crenças contraditórias na mente ao mesmo tempo, de contar mentiras deliberadas e, ao mesmo tempo acreditar genuinamente nelas, e de esquecer qualquer fato que tenha se tornado inconveniente".

Nesta sociedade ficcional, existe um inimigo imaginário: Emanuel Goldstein. Após sua expulsão do Partido, ele se entregara a atividades contrarrevolucionárias. Goldstein figurava o objeto principal do rito: dois minutos de Ódio. Esse ato consistia em reunir a população em torno de uma vasta *teletela* para ouvir o discurso de Goldstein contra o Grande Irmão. Assim que começava a falar, as pessoas, furiosas, gritavam ferozmente a ponto de causar medo e total descontrole. Esta personagem configura mais um *modus operandi* da ideologia de dominação presente na narrativa: **fragmentação**. Este consiste em atribuir forças de oposição em direção a um alvo que é considerado como mau, perigoso ou ameaçador. Constatamos, como estratégia de construção simbólica, o uso do **expurgo pelo outro**, uma estratégia que envolve a criação de um inimigo, retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou expurgá-lo.

A certa altura do romance, Winston e Julia foram apanhados no esconderijo pela patrulha liderada por O'Brien. Winston foi levado para uma cela e permaneceu lá durante muitos dias. Fora interrogado, torturado, passou fome. Já no seu limite, confessou crimes que jamais tivera cometido, apenas para se livrar das penalidades. Durante uma visita a



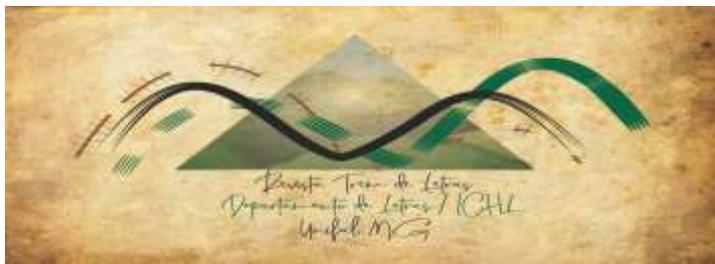
cela, O'Brien disse a Winston: "Não se preocupe, Winston; você está sob meus **cuidados**. Durante sete anos **zelei** por você. Agora chegou o momento decisivo. Vou **salvar** você, vou torná-lo perfeito" (Orwell, 2018, p. 287).

O discurso de O'Brien representa a força opressora de um regime político que, através do poder naturalizado, inibe qualquer expressão contrária. Para atingir o objetivo de O'Brien em tornar Winston perfeito, era necessário discipliná-lo novamente.

A realidade existe na mente humana e em nenhum outro lugar. Não na mente individual, que está sujeita a erros e que, de toda maneira, logo perece. A realidade existe apenas na mente do Partido, que é coletiva e imortal. Tudo que o Partido reconhece como verdade é a verdade. É esse o fato que você precisa reaprender, Winston (Orwell, 2018, p. 292).

Articula-se, nestas passagens, a estratégia de **racionalização** com o objetivo de defender os ideais do Partido e, desse modo, legitimar a dominação e torná-la aceitável. Ela está repleta de conteúdo ideológico: a verdade funcionando como sistema de poder. Conforme afirmou Foucault (2011, p. 12): "a verdade não existe fora do poder ou sem poder."

Estes trechos pinçados ilustram as estratégias constitutivas da linguagem de 1984 como forma de representar a realidade no que diz respeito ao controle e dominação, conforme já mencionamos ao longo deste texto. Todavia, gostaríamos de ressaltar que o poder praticado pelo Estado na sociedade ficcional não é exercido apenas pela força. O que realmente importava nesse sistema de governo não era o controle sobre os corpos, mas sim o controle de suas mentes, seus pensamentos: "**Não** estamos preocupados com aqueles crimes idiotas que você cometeu. O Partido **não** se interessa pelo ato em si: é só o pensamento que nos preocupa. **Não** nos limitamos a destruir nossos inimigos; nós os transformamos" (Orwell, 2018, p. 297). O emprego recorrente da marca linguística (**não**) destacada na passagem acima reitera o objetivo principal da ideologia dominante: sustentar a relação de dominação.



Contudo, Winston faz um contra-argumento em defesa da natureza humana criando, mais uma vez, uma força paralela libertária: “É **impossível** criar uma civilização baseada no medo, no ódio e na crueldade. Uma civilização assim **não** pode perdurar” (Orwell, 2018, p. 313). Esta passagem reforça o entendimento de Fairclough (2001) de que o discurso tem orientação bidirecional e por isso as transformações sociais são possíveis. O que significa dizer que os eventos discursivos tanto são moldados pela estrutura social, refletindo códigos sociais, regras e convenções, como também moldam as estruturas sociais. Assim, para Fairclough, a ideologia não opera somente na solidificação do hegemônico, mas também se faz presente no discurso contra hegemônico, pois é neste que está presente a possibilidade de mudança social. Um conceito significativo dos estudos sobre o gênero distopia expresso por Baccolini reforça a perspectiva de Fairclough sobre o aspecto bidirecional do discurso. Ao investigar as mecânicas textuais da forma distópica, a autora argumenta que o texto é “edificado ao redor da construção de uma narrativa [da ordem hegemônica] e uma contranarrativa [da resistência]” (Baccolini, 1995, p. 293 citado em Moylan, 2016, p. 81).

Enquanto Winston argumentava em defesa do amor, ele permanecia preso e era torturado. Ele não compreendia a real motivação para mantê-lo encarcerado. Levado para o quarto 101, local de tortura mais severa, Winston foi colocado frente a uma gaiola com ratos. Durante a descrição de O’Brien sobre como procederiam os ratos quando fossem libertados, Winston coloca sua esperança na força do pensamento e, de súbito, diz: “Ponha a Julia no meu lugar! Faça isso com a Julia! Não comigo! Com a Julia! Não me importa o que aconteça com ela. Deixe que esses ratos estraçalhem o rosto dela, que a roam até os ossos. Eu não! Julia! Eu não!” (Orwell, 2018, p. 333). Esta declaração, egoísta e animalesca, representa o rompimento do sentimento que ele tinha por Julia e o resgate da razão invadindo sua consciência. Esta era a chave para a sua liberdade, simbolicamente, era a liberdade do sentimento de revolução.



Considerações finais

Por entender que as relações sociais são configuradas através da linguagem, constatamos que o modo como a narrativa foi discursivamente estruturada interage diretamente com alguns aspectos sociais, produzindo sentido para muito além dos limites do texto. Dito isso, a escolha da ACD como metodologia de análise desta prática discursiva permitiu identificar e caracterizar algumas escolhas linguísticas na composição desta distopia.

Esta análise trouxe uma pequena amostra de como as vozes severas do discurso de ódio ecoam das personagens presentes na obra através das escolhas linguísticas feitas pelo autor. Vimos, por um lado, determinadas estruturas linguísticas (verbos, substantivos, advérbio, por exemplo) servindo ao interesse da dominação e controle do sistema político daquela sociedade ficcional. Para além disso, foi possível desvelar a articulação ideológica presente em alguns personagens como O Grande Irmão e O'Brien por meio da identificação dos modos de operação da ideologia. Por outro lado, estão presentes estruturas características do ideal libertário (negação, verbos ligados ao sentimento, por exemplo). Em suma, razão e sentimento compõem o embate ideológico desta obra.

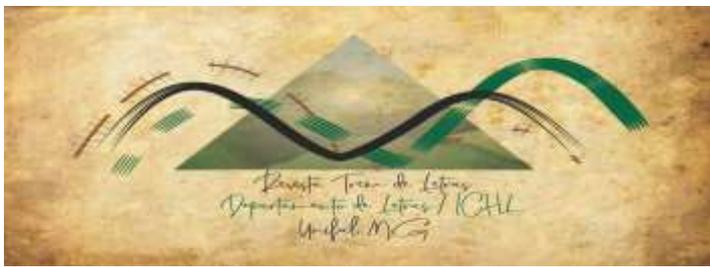
A linguagem presente em *1984* imprime uma importante característica de George Orwell: a de escritor engajado. O modo como opera a linguagem leva-nos a olhar para fora da obra, para o futuro e, ao mesmo tempo, a refletir o presente. Vimos, todavia, a linguagem cumprindo a sua função de transmitir a experiência dos indivíduos, suas



mazelas e sofrimentos e, com isso, despertando em nós, leitores, uma consciência crítica sobre aquela sociedade ficcional e sobre a nossa.

Referências

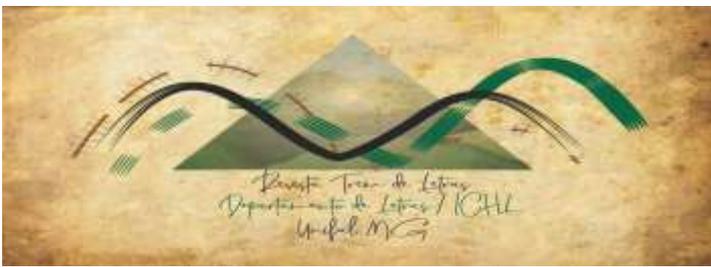
- BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Utopia, distopia e história*. Revista Morus – Utopia e Renascimento. Nº 2, p. 4-10, 2005. Disponível em:
https://www.unicamp.br/~berriell/arquivos/berriell_prod_3.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Editora UnB, 2001.
- _____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FOULCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 29. ed. São Paulo: Graal, 2011.
- _____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LACAN, Jacques. (1953-1954). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Versão brasileira de Betty Milan. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. Disponível em:
<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2019/08/lacan-os-escritos-tecc81cnicos-de-freud-1953-1954-1996-zahar-1.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- MACAULAY, Rose. *What not: a prophetic comedy*. New York: Chasma Press, 2015.
- MOYLAN, Tom; CAVALCANTI, Ildney (Ed.); BENÍCIO, Felipe (Ed.). *Distopia: fragmentos de um céu límpido*. Trad. Felipe Benício, Pedro Fotunato e Thayrone Insen. Maceió: Edufal, 2016.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG
CEP 317131-001 - Brasil

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZAMIATIN, Eugene. *Nós*. Tradução de Lia Alverga. Rio de Janeiro: Anima, 1983.



Language and power in fiction: a critical discourse analysis of *1984*, by George Orwell

Renata Kelli Modesto Fernandes

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

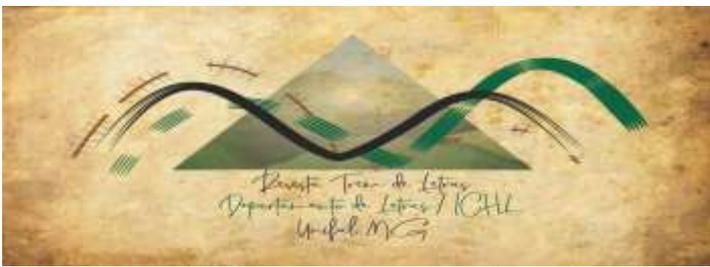
Flaviane Faria Carvalho

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL

Abstract

This work aimed to analyze the totalitarian discourse in the book *1984*, by George Orwell, from the discourse configuration of power and control used by the State, as well as the reflections made by the main characters, Winston and Julia, as a form of resistance to this government system. The analysis was guided by the discourse conception proposed by Fairclough (2001; 2003); Halliday (1970; 1985) and also by the critical theory of ideology proposed by Thompson (1995). Through the analysis we could identify how the voices of hate echo from the characters and make up the fictional dystopian environment. On one hand, we found some linguistics structures (verbs, nouns, adverbs, for example) serving the interests of domination and control. Furthermore, it was possible to identify the ideological articulation present in some characters like Big Brother and O'Brien through the identification of operation modes of ideology. On the other hand, there are structures from the libertarian ideal (negative, feeling verbs, for example). To sum up, reason and feeling make up the ideological clash in this book.

Keywords: Dystopia; Power; CDA; Ideology.



Lenguaje y poder en la ficción: un análisis crítico del discurso de obra literaria 1984, de George Orwell

Renata Kelli Modesto Fernandes
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
Flaviane Faria Carvalho
Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL

Resumen

Este trabajo buscó analizar el discurso totalitario presente en la obra 1984, de George Orwell, a partir de la configuración del discurso de poder y control utilizado por el Estado, así como las reflexiones realizadas por los protagonistas, Winston y Julia, como una forma de resistencia a este sistema de gobierno. El análisis estuvo guiado por la concepción de discurso propuesta por Fairclough (2001; 2003) y Halliday (1970; 1985), así como por la teoría crítica de la ideología acuñada por Thompson (1995). El análisis nos permitió identificar la forma en que las voces del discurso del odio resuenan en los personajes y componen el entorno ficticio distópico. Hemos visto, por un lado, determinadas estructuras lingüísticas (verbos, sustantivos, adverbio, por ejemplo) al servicio de los intereses de dominación y control del sistema político de esa sociedad ficticia. Además, fue posible develar la articulación ideológica presente en algunos personajes como El Gran Hermano y O'Brien a través de la identificación de los modos de operación de la ideología. Por otro lado, existen estructuras propias del ideal libertario (negación, verbos ligados al sentimiento, por ejemplo). En definitiva, razón y sentimiento componen el choque ideológico de esta obra.

Palavras clave: Distopía; Poder; ACD; Ideología.